

TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA

O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL

Aluno: Luiz Otávio Andrade Soares

Curso Técnico de Informática

Professora Orientadora: Eliana Rodrigues

Divinópolis

30 de Abril de 2015

TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA

Trabalho de Literatura e Cultura
apresentado como parte das atividades para
obtenção de créditos na disciplina de
Língua Portuguesa, Literatura e Cultura do
1º Ano do Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais – Campus V.

Divinópolis

30 de Abril de 2015

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. A CONOTAÇÃO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL	5
3. AS FIGURAS DE LINGUAGEM NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL	8
4. O GÊNERO LÍRICO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL	12
5. O GÊNERO NARRATIVO NA OBRA O SENHOR DOS ANEIS – A SOCIEDADE DO ANEL	15
6. CONCLUSÃO	18

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho irá tratar da análise de trechos retirados da obra *O Senhor dos Anéis – A sociedade do anel*, escrita por J.R.R. Tolkien entre 1937 e 1949.

O livro narra as aventuras de Frodo, um hobbit do Condado que busca a destruição do Anel encontrado por Bilbo em suas aventuras.

Para isso ele conta com a ajuda de seus amigos hobbits, Gandalf, o mago, e outras personalidades, que o ajudam a vencer os perigos dessa jornada.

No primeiro momento será analisado trechos de conotação retirados do livro, buscando mostrar que em obras literárias como essa nem sempre as palavras são o que parecem.

O segundo momento irá tratar da análise de trechos contendo figuras de linguagem, para reforçar ainda mais que no gênero literário o significado das palavras é constantemente diferente do usual.

No terceiro momento será analisado trechos com predominância do gênero lírico, buscando mostrar que a subjetividade está ao redor da literatura.

O quarto momento irá tratar da análise de trechos com predominância do gênero narrativo, para mostrar que mesmo com todos esses detalhes toda história precisa ser narrada.

2. A CONOTAÇÃO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL

2.1 Exemplo de Conotação:

“A balsa ia lentamente através da água. O porto da Terra dos Buques se aproximou. Sam era o único do grupo que nunca tinha estado do outro lado do rio. Foi tomado por um sentimento estranho, ao observar a corrente que borbulhava ao passar: sua vida antiga lá atrás, envolta pela neblina; à sua frente, sombrias aventuras. Coçou a cabeça, e por um momento desejou que o Sr. Frodo pudesse ter continuado a viver tranquilamente em bolsão.”

Página 104 – Livro 1 – Capítulo 5

Explicação: O trecho narra uma viagem de Frodo e seus amigos de balsa do Condado para a Terra dos Buques. Sam estava melancólico pois nunca tinha estado daquele lado do rio. O trecho espoe um sentimento de Sam: “sua vida antiga lá atrás, envolta pela neblina,” nessa frase o autor se utiliza de uma conotação para dizer que o Condado tinha ficado para trás, envolto pela neblina, e substituindo Condado por sua vida, o autor reforça o fato de que Sam era muito ligado ao Condado, fazendo de lá sua vida.

2.2 Exemplo de Conotação:

“O outono já avançava, e Frodo não tinha voltado a se preocupar com Gandalf outra vez. Setembro estava passando, e ainda nenhuma notícia dele. O aniversário, e a mudança, se aproximavam, e mesmo assim ele não veio nem envio recado. Bolsão começou a ficar movimentada. Alguns amigos de Frodo vieram para ficar e ajuda-lo com a bagagem: Fredegar Bolger e Folco Boffim e, é claro seus amigos especiais Pippin Tûk e Merry Brandebuque. Só esses quatro viraram todo o lugar de ponta-cabeça.”

Página 69 – Livro 1 – Capítulo 3

Explicação: O trecho transcrito acima fala da chegada dos amigos de Frodo à sua casa, para ajudá-lo com a bagagem. O texto, utilizando de recursos conotativos, expõe que os quatro personagens viraram todo o lugar de ponta-cabeça, querendo dizer que eles bagunçaram todo o lugar.

2.3 Exemplo de Conotação:

“-Não importa o que aconteça com o resto das minhas coisas, quando os S-Bs lhes puserem as garras em cima; pelo menos encontrei um lugar para isto! – Disse Frodo, enquanto esvaziava o copo. Era a última gota de Velhos Vinhedos.”

Página 70 – Livro 1 – Capítulo 3

Explicação: O trecho acima descreve uma “festa” de despedida de Frodo, junto com seus amigos ele degusta o restante do vinho que havia em Bolsão.

O autor utiliza a expressão “pôr as garras em cima” para dizer que não importa o que aconteça com o resto das coisas de Frodo, quando os Sacola-Bolseiros se apossarem delas, ele já havia encontrado um lugar para o vinho.

A expressão “pôr as garras em cima” foi utilizada com um certo desprezo, visto que Frodo e os Sacola-Bolseiros não possuem uma relação muito amigável.

2.4 Exemplo de Conotação:

“O sol se pôs. Bolsão parecia triste, um lugar melancólico e desarrumado. Frodo andou pelas conhecidas salas, e viu a luz do pôr-do-sol desmaiar nas paredes, e sombras que vinham dos cantos já se insinuando. O interior da casa escureceu lentamente. Saiu e desceu pelo caminho que conduzia até o portão de entrada, indo em seguida por uma passagem estreita até a Estrada da Colina. Tinha uma certa esperança de ver Gandalf subindo a passos largos em meio ao crepúsculo.”

Página 71 – Livro 1 – Capítulo 3

Explicação: O trecho narra os últimos momentos de Frodo em Bolsão. É marcado pela melancolia e a tristeza da partida. Narra também a última vez em que Frodo sai de Bolsão, antes da sua partida.

Logo no início, o texto expõe a seguinte frase: “*Bolsão parecia triste...*” que explicita ao leitor o clima triste e melancólico em que Frodo partiu, também narra nesse trecho que não só Frodo e seus amigos estavam tristes com a partida, e sim toda a região.

2.5 Exemplo de Conotação:

“A cantoria chegou mais perto. Uma das vozes podia agora ser ouvida acima das outras. Cantava na bela língua dos elfos, que Frodo entendia um pouco, e os outros não conheciam. Apesar disso, na imaginação deles, o som combinado com a melodia parecia tomar a forma de palavras que entendiam só em parte.”

Página 81 – Livro 1 – Capítulo 3

Explicação: O trecho narra uma parte da viagem dos hobbits em que eles escutam um grupo de elfos se aproximando e cantando, sabiam que eram elfos, pois todos sabiam como soava a bela língua antiga.

A aproximação dos elfos é explicitada logo no início, com a passagem “*A cantoria chegou mais perto.*” A escolha dessa conotação pelo autor aproxima o leitor da situação fazendo dela mais real, e mais simples de se compreender

3. AS FIGURAS DE LINGUAGEM NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL

3.1 Exemplo de Figura de linguagem

“- Você não deveria dar ouvidos a tudo o que falam, Ruivão – disse o Feitor, que não gostava muito do Moleiro. – Não tem sentido ficar falando sobre empurrar e puxar. Os barcos são muito traiçoeiros até para aqueles que se sentam quietinhos sem procurar problemas. De qualquer jeito: foi assim que o Sr. Frodo se tornou um órfão e ficou perdido, como se pode dizer, em meio àquele estranho povo da Terra dos Buques, e foi criado na Sede do Brandevin. Aquilo geralmente já é um formigueiro de tão cheio. o velho Mestre Gorbodoc nunca teve menos do que duzentos parentes nas redondezas. O Sr. Bilbo não poderia ter feito coisa melhor do que trazer o menino para morar entre gente decente.”

Página 23 – Livro 1 - Capítulo 1

Explicação: No trecho acima podemos identificar uma fala do Feitor durante uma conversa entre moradores do Condado. Nessa fala ele cita a Sede do Brandevin, onde Frodo foi criado, e a caracteriza como um formigueiro. Utilizando de uma metáfora, ele compara a Sede do Brandevin com um formigueiro, devido ao fato da presença de muitas pessoas lá. E faz essa comparação sem usar um termo comparativo, caracterizando o trecho como metáfora.

3.2 Exemplo de Figura de linguagem

“Em breve os convites começaram a se espalhar, e o correio da Vila dos Hobbits ficou entupido, e choveram cartas no correio de Beirágua, e carteiros auxiliares voluntários foram requisitados. Em fluxo constante subiam a Colina, carregando centenas de variações polidas de ‘Agradeço o convite e confirmo minha presença.’”

Página 26 – Livro 1 – Capítulo 1

Explicação: O trecho transcrito se passa durante os preparativos para a festa de aniversário de Bilbo e Frodo, e trata do fato da chegada das várias cartas de confirmação de presença. No trecho aparece a expressão “choveram cartas” classificada como metáfora, pois ela junta duas palavras que não possuíam relação e atribui à elas um novo significado, o de muitas cartas.

3.3 Exemplo de Figura de linguagem

“Quando todos os convidados tinham recebido as boas-vindas e estavam finalmente do lado de dentro, houve canções, danças, música, jogos e, é claro, comida e bebida. Houve três refeições oficiais: almoço, chá e jantar (ou ceia). Mas o almoço e o chá foram marcados pelo fato de que nesses momentos todos estavam sentados e comendo juntos. Em outros momentos havia simplesmente montes de pessoas comendo e bebendo – continuamente, das onze até as seis e meia, quando os fogos de artifício começaram.

Página 27 – Livro 1 – Capítulo 1

Explicação: O trecho fala do início da festa de aniversário de Bilbo e Frodo, quando os convidados já haviam chegado e já estavam comendo, bebendo, cantando, dançando e jogando. Fala também dos momentos oficiais de refeição, e que nos outros momentos haviam simplesmente “*montes de pessoas*” comendo e bebendo. A expressão “*montes de pessoas*” significa várias pessoas, e diz isso em um exagero, classificando a expressão como uma figura de linguagem chamada hipérbole. O uso dessa figura de linguagem facilita a comunicação entre autor e leitor, tendo em vista que simplifica a situação, abordando-a de maneira mais simples.

3.4 Exemplo de Figura de linguagem

*“Sobre a lareira arde a chama,
E sob o teto há uma cama;
Mas nossos pés vão mais andar,
Ali na esquina pode estar
Árvore alta ou rochedo frio
Que ninguém sabe ninguém viu.
Folha e relva, árvore e flor
Deixa passar, aonde for!
Água e monte vão chegando,
Vai passando! Vai passando!*

*Talvez te espere noutra esquina
Porta secreta ou nova sina.
E se hoje nós passarmos por elas,
Amanhã podemos revê-las
E seguir a senda secreta
Que o sol e a lua tem por meta.
Maça e espinho, noz e ameixa,
Deixa passar! Deixa, deixa!
Pedra e areia, lagoa e vargem,
Boa viagem! Boa viagem!*

*Lá atrás a casa, em frente o mundo,
Muitas trilhas ao vagabundo,*

*Pelas sombras do anoitecer,
'Te' a última estrela aparecer.
Agora o mundo já não chama,
Voltemos para casa e para cama.
Nuvem, sombra, dúbia neblina,
Deixa a retina, deixa a retina!
Água e comida, luz e chama,
E já pra cama! Já pra cama!*

Página 80 – Livro 1 – Capítulo 3

Explicação: Essa canção foi transcrita de um trecho em que Frodo e seus amigos estavam caminhando a noite, lado a lado na estrada, e então começaram a cantar, como é o costume dos hobbits, escolheram uma música que falava de estrada. Em um verso da música é dito “*Agora o mundo já não chama.*” é usado nesse trecho uma figura de linguagem chamada metonímia, figura caracterizada pela substituição de uma parte por um todo, nesse caso mundo é colocado no lugar de pessoas do mundo. Essa figura de linguagem foi empregada com função de rima, e lírica.

3.5 Exemplo de Figura de linguagem

“- Não sei a que histórias se refere – respondeu Merry. – Se estiver falando das histórias de medo que as babas de Fatty lhe contavam, sobre orcs, lobos e coisas assim, diria que não. Pelo menos eu não acredito nelas. Mas a floresta é esquisita. Tudo nela é muito mais vivo, aís ciente do que estava acontecendo, por assim dizer, do que são as coisas no condado. E as árvores não gostam de forasteiros. Elas vigiam as pessoas.

Geralmente, ficam satisfeitas somente em vigiar, enquanto dura a luz do dia, e não fazem muita coisa. De vez em quando uma árvore mais hostil pode derrubar um galho, ou levantar uma raiz, ou agarrar você como um ramo longo. Mas à noite as coisas podem ser mais alarmantes, pelo que ouvi dizer. Estive lá depois do anoitecer apenas uma ou duas vezes, e só perto da Cerca. Tive a impressão de que todas as árvores estavam cochichando entre si, passando notícias e planos numa língua ininteligível; e os galhos balançavam e se mexiam sem qualquer vento. Na verdade, dizem que as árvores se locomovem, e podem cercar forasteiros e prendê-los. Há muito tempo, elas de fato atacaram a Cerca: vieram e se plantaram bem próximas, curvando-se sobre ela. Mas vieram os hobbits e cortaram centenas de árvores; depois fizeram uma grande fogueira na Floresta, queimando todo o solo numa longa faixa a leste da Cerca. Depois disso as árvores desistiram de atacar, mas se tornaram muito hostis.

Ainda existe o lugar, um espaço amplo e escaldado não muito distante, onde a fogueira foi feita.”

Página 116 – Livro 1 – Capítulo 6

Explicação: O trecho narra os personagens em uma floresta, que segundo a tradição local é amaldiçoada e as árvores possuem comportamentos estranhos, podendo até matar forasteiros. Merry fala da floresta, dizendo que não acredita no que se fala dela, porém assume que a floresta é esquisita. Diz também que “*As árvores não gostam dos*

forasteiros.” Utilizando de uma figura de linguagem o autor diz que coisas estranhas acontecem com os forasteiros na floresta, e a tradição local atribui esses acontecimentos a um comportamento mágico das árvores que atribui a elas um comportamento quase humano. Prosopopeia é a figura de linguagem usada para atribuir as árvores um sentimento, o de não gostar dos forasteiros. Essa figura de linguagem é consequência do uso mitológico das árvores, atribuindo a elas características mágica, entre elas o sentimento.

4. O GÊNERO LÍRICO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS – A SOCIEDADE DO ANEL

4.1 Exemplo de Gênero lírico

<i>“A deus va/mos da/r à ca/sa e ao lar!</i>	10 Sílabas	A
<i>Po/de cho/ve/r e po/de ven/tar,</i>	8 Sílabas	A
<i>Va/mo/s em/bo/ra an/tes da au/ro/ra,</i>	8 Sílabas	B
<i>Ma/ta e mon/ta/nha a/trás vão fĩ/car.</i>	8 Sílabas	A
<i>A Val/fen/da va/mo/s on/de el/fo/s a/cha/mos</i>	11 Sílabas	C
<i>Em des/cam/pa/do/s e por en/tre ra/mos;</i>	10 Sílabas	C
<i>Por tre/chos/ de/ser/tos se/gui/mo/s es/per/tos,</i>	11 Sílabas	D
<i>O que vem de/pois nós não di/vi/sa/mos.</i>	10 Sílabas	C
<i>Na fren/te o i/ni/mi/go, a/trás o pe/ri/go.</i>	10 Sílabas	E
<i>Dor/min/do ao re/len/to, o céu por a/bri/go.</i>	10 Sílabas	E
<i>A/té que por si/na a du/re/za ter/mi/na,</i>	11 Sílabas	F
<i>Fim da jor/na/da, cum/pri/do o cas/ti/go.</i>	10 Sílabas	E
<i>Va/mo/s em/bo/ra! Va/mo/s em/bo/ra!</i>	9 Sílabas	B
<i>Va/mos par/ti/r an/tes da au/ro/ra”</i>	8 Sílabas	B

Página 111 , 112 – Livro 1 – Capítulo 5

Explicação: O trecho transcrito se passa durante uma reunião entre Frodo e seus amigos, eles haviam revelado a Frodo que eles sabiam dos seus segredos com o Anel e que iriam com ele para Mordor. Frodo ao descobrir fica perplexo, porém gosta da ideia, então seus amigos, alegres com a reação de Frodo, começam a dançar e cantar uma música, cuja qual foi transcrita acima.

Os versos iniciais da música: *“Adeus vamos dar à casa e ao lar! Pode chover e pode ventar, vamos embora antes da aurora”* expõem que o eu-lírico irá partir em uma viagem não importa as condições climáticas. Expõe também que irá bem cedo, antes do raiar do sol.

Os versos: *“Mata e montanha atrás vão ficar.” “Em descampados e por entre ramos; Por trechos desertos seguimos espertos, o que vem depois nós não divisamos. Na frente o inimigo, atrás o perigo. Dormindo ao relento, o céu por abrigo até que por sina a dureza termina, finda a jornada, cumprido o castigo.”* contam ao leitor como foi a viagem do eu-lírico, expondo informações sobre o terreno por onde ele passou, os perigos que enfrentou e as condições em que dormiu durante a viagem. Expõe também que a viagem terminou, e que para o eu-lírico ela se assemelhou a um castigo.

O verso: *“A Valfenda vamos onde elfos achamos”* expõe ao leitor o destino do eu-lírico, a cidade de Valfenda. Expõe também a presença de elfos nessa cidade.

Os últimos versos da música: “*Vamos embora! Vamos embora! Vamos partir antes da aurora!*” reforçam a ideia do entusiasmo do eu-lírico para partir, e reforça também que é do desejo do eu-lírico partir antes do raiar do sol.

As sílabas dos quatorze versos da música variam entre 8, 9, 10, 11.

No primeiro verso existem 10 sílabas.

Nos três versos seguintes podem ser contadas 8 sílabas em cada.

Nos três versos seguintes o número de sílabas se alterna: começando com 11, seguido por 10 e terminando com 11.

Seguindo os três próximos versos é possível observar que eles possuem 10 sílabas cada.

Os quatro últimos versos possuem um número decrescente de sílabas: começando com 11, seguido por 10, depois 9, depois 8.

Quanto a rima, os dois primeiros versos rimam entre si, e eles rimam também com o quarto verso, pois eles terminam com o fonema |ar|.

O terceiro verso possui uma rima interna com as palavras embora e aurora. Este rima também com os dois últimos versos, contendo no penúltimo verso uma rima interna entre as duas palavras embora contidas nele.

O quinto verso possui uma rima interna entre as palavras vamos e achamos, e o final deste verso rima com o final do sexto verso e com o final do oitavo.

O sétimo verso possui uma rima interna entre as palavras desertos e espertos.

O nono verso possui uma rima interna entre as palavras inimigo e perigo, que por sua vez rimam com o final no décimo verso, que então rima com o final do décimo segundo verso.

O décimo primeiro verso possui uma rima interna entre as palavras sina e termina.

4.2 Exemplo de Gênero lírico

“Trê/s A/néis /pa/ra os / Rei/s El/fos / sob es/te /céu,	10 Sílabas A
Se/te /pa/ra os /Se/nho/res-A/nõe/s em / seus / ro/cho/sos /cor/re/do/res,	16 Sílabas B
No/ve /pa/ra /Ho/mens /Mor/tais /fa/da/do/s ao e/ter/no /so/no,	15 Sílabas C
Um / pa/ra o / Se/nhor / do Es/cu/ro em / seu /es/cu/ro /tro/no	13 Sílabas C
Na /ter/ra /de /Mor/do/r on/de /as /Som/bras /se / dei/tam.	13 Sílabas D
Um / A/nel / pa/ra a /to/dos /go/ver/nar, /Um /A/nel / pa/ra en/con/trá/-los,	17 Sílabas E
Um / A/nel /pa/ra a /to/dos / tra/zer / e / na /es/cu/ri/dão /a/pri/sio/ná/-los	19 Sílabas
Na /ter/ra /de /Mor/do/r on/de /as /Som/bras /se /dei/tam..”	13 Sílabas D

Explicação: Esses versos são antigos e muito conhecidos na tradição élfica.

Quando Gandalf coloca O Anel que Bilbo achou em suas aventuras, anel que agora pertence a Frodo, no fogo ele não esquentava, e nele começam a brilhar letras élficas muito arcaicas, que dizem: “*Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los*” Gandalf diz são apenas duas linhas de versos conhecidos a muito tempo na tradição élfica. Então recita para Frodo os versos completos, os quais foram transcritos.

Esses 8 versos estão organizados em apenas uma estrofe. Os cinco primeiros versos tratam de como foram distribuídos os anéis, os outros 3 versos falam do anel de Sauron.

A rima dos versos é quase aleatória: Os dois primeiros versos não rimam. O terceiro e quarto verso rimam entre si no final do verso a palavra sono rima com a palavra trono. O quinto verso rima com o último, pois eles são iguais e o sexto e o sétimo verso rimam entre si no final do verso nas palavras encontrá-los e aprisiona-los.

As sílabas dos versos variam entre 10, 13, 15, 16, 17, 19, e estão dispostas de maneira aleatória.

5. O GÊNERO NARRATIVO NA OBRA O SENHOR DOS ANEIS – A SOCIEDADE DO ANEL

5.1 Exemplo de Gênero narrativo

“- Muito depois, mas ainda há muito tempo, vivia nas margens do Grande Rio, naborda das Terras Ermas, um pequeno povo de mãos ágeis e pés silenciosos. Acho queeram semelhantes aos hobbits; parentes dos pais dos pais dos Grados, pois amavam o Rio e sempre nadavam nele, ou faziam pequenos barcos de junco.

Havia entre eles uma família muito considerada, pois era maior e mais rica que a maioria, que era governada pela avó, senhora austera e conhecedora da história antiga de seu povo. O elemento mais curioso e mais ávido de conhecimento dessa família se chamava Sméagol. Ele se interessava por raízes e origens; mergulhava em lagos fundos, fazia escavações embaixo de árvores e plantas novas, abria túneis em colinas verdes; com o tempo, deixou de olhar os topos das colinas, as folhas nas árvores, e as flores se abrindo no ar: sua cabeça e olhos só se dirigiam para baixo.

- Tinha um amigo chamado Déagol, parecido com ele, de olhos mais penetrantes mas não tão rápido ou forte. Uma vez pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis, onde havia grandes canteiros de íris e juncos em flor. Ali Sméagol desceu e foi fuçar as margens, mas Déagol ficou sentado no barco pescando. De repente um grande peixe mordeu a isca, e antes que soubesse onde estava, ele foi arrastado para fora do barco e dentro da água, até o fundo. Então soltou a linha, pois julgou ver alguma coisa brilhando no leito do rio, e prendendo a respiração conseguiu apanhá-la.

- Depois subiu soltando bolhas, com plantas em seu cabelo e um monte de lama na mão, e nadou até a margem. E veja só! Quando limpou a lama, viu em sua mão um lindo anel de ouro, que brilhava e resplandecia ao sol. Seu coração se alegrou. Mas Sméagol tinha ficado vigiando de trás de uma árvore, e enquanto Déagol se regozijava com o anel, Sméagol chegou devagar por trás dele, “Dê isso para nós, Déagol, meu querido”, disse Sméagol sobre o ombro do amigo.

“Por quê?”, perguntou Déagol.

“Porque é meu aniversário, meu querido, e eu quero isso”, disse Sméagol.

“Eu não ligo”, disse Déagol. “Eu já lhe dei um presente de aniversário, que foi mais do que eu podia. Eu encontrei isso, e vou ficar com ele.” “Vai mesmo, meu querido?” disse Sméagol; e segurou Déagol pela garganta e o estrangulou, porque o ouro era tão brilhante e bonito. Depois pôs o anel em seu dedo.

- Jamais se descobriu o que tinha acontecido com Déagol; foi assassinado longe de casa, e seu corpo foi habilmente escondido. Mas Sméagol voltou sozinho, e descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito satisfeito com essa descoberta e a ocultou. Usava-a para descobrir segredos, e se aproveitava de seus conhecimentos em feitos desonestos e maliciosos. Ficou com olhos perspicazes e ouvidos aguçados para tudo que fosse pernicioso. O anel tinha lhe dado

poderes de acordo com sua estatura. Não é de admirar que tenha se tornado muito impopular e que fosse evitado (quando visível) por todos os seus parentes. Estes o chutavam, e ele mordia seus pés. Começou a roubar e a andar por aí resmungando para si mesmo, gorgolejando. Por isso chamavam-no de Gollum e o amaldiçoavam, e lhe diziam para ir embora; sua avó, querendo paz, expulsou-o da família e o pôs para fora de sua toca.

- Vagou sozinho, chorando um pouco pela dureza do mundo, e viajou rio acima, até chegar a um riacho que descia das montanhas, seguindo esse caminho. Capturava peixes em lagos fundos com dedos invisíveis e os comia crus. Num dia muito quente, quando se inclinava sobre um lago, sentiu algo queimando na sua nuca, e uma luz ofuscante que vinha da água doeu em seus olhos molhados. Surpreendeu-se com isso, pois havia quase se esquecido da existência do sol. Então, pela última vez, olhou para cima e o desafiou com o punho fechado.

- Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias, de onde vinha o riacho. E de repente pensou: “Debaixo daquelas montanhas deve ser um lugar fresco e de muita sombra. O sol não poderia me olhar ali. As raízes dessas montanhas devem ser raízes de verdade; deve haver grandes segredos enterrados lá que não foram descobertos desde o início.”

Páginas 54, 55, 56 – Livro 1 – Capítulo 2

Explicação: Esse trecho foi retirado de uma fala de Gandalf para Frodo. Durante uma de suas visitas ao Condado Gandaf foi até Bolsão para conversar com Frodo, alertou ele dos perigos do Anel que ele carregava consigo. Ao alertar esses perigos ele conta a história do Anel, citando sua trajetória ao longo da história. Uma das partes dessa trajetória foi quando o Anel estava na posse de Sméagol. O trecho retirado conta como o Anel chegou até Sméagol, como o poder sedutor do Anel fez com que Sméagol matasse um grande amigo seu para obter o Anel. O trecho narra também como o Anel afetou a vida de Sméagol, definindo-o a ponto de mudar completamente sua aparência e personalidade, a mudança foi tão profunda que passaram a chama-lo de Gollum. E este utilizada dos poderes do Anel para fins maliciosos. A invisibilidade que o Anel proporcionava a aquele que o utilizava foi usada por Gollum para descobrir segredos. Esse trecho se caracteriza como gênero narrativo pois possui uma grande quantidade de verbos, que estão sublinhados no trecho, e estes indicam ações, o que cria a narração do fato.

Gandalf contou essa história para Frodo para que ele soubesse como o Anel chegou até suas mãos. Depois de passar pelas mãos de Gollum, Bilbo Bolseiro consegue o Anel de Gollum [Fato narrado na obra *O hobbit* – por J.R.R Tolkien]. Então Bilbo passa o Anel para Frodo quando deixa o Condado.

5.2 Exemplo de Gênero narrativo

“- A parte designada a mim foi pegar a Estrada, e eu cheguei até a Ponte de Mitheithel, deixando ali um sinal, há sete dias. Três dos servidores de Sauron estiveram na Ponte, mas retiraram-se e os persegui em direção ao norte. Também encontrei outros dois, mas eles rumaram para o sul. Desde então tenho procurado sua trilha. Há dois dias a encontrei, e a segui através da Ponte; hoje observei o ponto por onde voltaram e desceram das colinas de novo. Mas venham! Não há tempo para mais notícias. Já que estão aqui, devemos correr o perigo da Estrada e ir. Há cinco deles atrás de nós, e quando encontrarem suas pegadas na Estrada, virão atrás de vocês como o vento. E não são todos. Onde estão os outros, eu não sei. Receio que o Vau já esteja tomado pelos inimigos.”

Página 223 – Livro 1 – Capítulo 12

Explicação: O trecho acima foi retirado de um diálogo entre Frodo e seus amigos e Glorfindel, um elfo de Valfenda. No trecho transcrito Glorfindel narra na primeira frase o que lhe foi designado a fazer. No restante do trecho ele narra como foi sua aventura até encontrar o grupo de hobbits junto a Passolargo. Durante sua fala, Glorfindel narra o que viu durante sua aventura e também o que acha que está acontecendo no Vau.

Esse trecho é caracterizado como gênero narrativo pois possui muitos verbos, cujo os quais estão sublinhados no trecho transcrito, indicando ações, e essas ações constroem a estrutura narrativa presente neste trecho. Glorfindel narra esses fatos ao grupo de hobbits pois acha que é do interesse deles saber como ele chegou até eles, e porque ele chegou até eles.

6. CONCLUSÃO

Diante de todas as análises feitas, foi possível concluir que uma obra literária do nível dessa é muito mais do que apenas páginas que contam uma história. Essa obra utiliza de vários recursos sutis que na maioria das vezes não são percebidos pelo leitor ao apenas ler. Para se compreender uma obra desse nível é preciso analisá-la de maneira crítica atentando aos detalhes conotativos e palavras usadas em outros sentidos. É preciso construir na mente uma relação entre personagens apenas pelas escolhas de palavras feitas por eles para se dirigirem um ao outro.

Após ler e reler a obra, revirar as páginas, procurar o oculto, a subjetividade, os detalhes, entender pelas escolhas de palavras dos personagens seus sentimentos para com os demais.

As análises foram feitas não só nos trechos aqui listados, e sim na obra como um todo. Foram feitas pesquisas sobre a vida do autor, para entender o porquê a obra foi escrita dessa maneira, qual foi o contexto em que a mesma foi escrita.

Todas essas pesquisas, que vão além do requisitado para o trabalho, foram feitas para enriquecer as análises, e melhorar meu conhecimento como leitor e expandir minha visão da obra.

Produzir esse trabalho, me fez ver a literatura de uma maneira que nunca tinha visto antes. Até esse ponto da minha vida nunca havia imaginado que a literatura poderia contribuir para a formação intelectual do indivíduo. Agora sei que a literatura é a principal área onde a intelectualidade do indivíduo é desenvolvida. Apenas com a leitura, e análise será possível desenvolver um pensamento crítico, visão de mundo, e capacidade de tratar a informação como fonte de conhecimento, e saber filtrar diante de uma fonte a informação boa para a formação de seu intelecto.

Diante disso, posso concluir que toda leitura é válida e contribui para a formação do intelecto do indivíduo, desde que seja acompanhada de análise profunda. Concluo também que os livros são as principais fontes de informação e conhecimento, mas não são as únicas, ainda assim ressalto que um indivíduo só irá se tornar culto a partir do momento em que criar o hábito e o gosto pela leitura e sua análise.